

Colóquio organizado pelo PS perspectivou futuro do vale do Ave

Encarar o futuro sem medo de existir

EISSINTE PHOTO

eissinte@guimaraesdigital.com

Os financiamentos do próximo Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN) poderão ser decisivos para a região "dar o salto" que tanto precisa. No passado sábado, no colóquio «Vale do Ave – Região de Oportunidades», organizado pelos deputados do PS eleitos pelo Círculo de Braga, os intervenientes manifestaram confiança no futuro, mas não ignoraram a pesada herança. Combater o desemprego e contrariar os efeitos da globalização foram os objectivos preconizados para que a economia arranque e o vale do Ave seja classificado como uma "região ganhadora".

Aberto à participação de instituições e empresários, o debate realizado no pequeno auditório do Centro Cultural de Vila Flor, foi muito concorrido com as diferentes intervenções a motivarem uma salutar troca de impressões entre os oradores e a assistência.

Na abertura dos trabalhos, o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães apresentou um diagnóstico pouco optimista sobre o principal flagelo que afecta a região: o desemprego. António Magalhães indicou que tem procurado "dar um sinal preventivo daquilo que vem aí a curto prazo e que deve merecer toda a atenção". "Sabemos que até final do ano, dos 12 mil desempregados do nosso Concelho, cerca de quatro mil e 600 ficarão sem subsídio de

angeiro – Deputado do PS na AR



desemprego e até ao final de 2008 serão cerca de 10 mil as pessoas nesta condição", revelou o Autarca. "Um grupo que não está devidamente quantificado pode resolver os seus problemas financeiros requerendo a sua reforma, porque tem condições legais para o fazer, os mais jovens encontrarão soluções alternativas de emprego aqui ou ali, mas o maior número destes 4 mil e 600 desempregados não encontrará alternativas fáceis para enfrentar estes problemas", observou, apelando à solidariedade para "se encontrem soluções que não podem ser apenas paliativos".

De acordo com António Magalhães, "ninguém pode ficar indiferente, mesmo aqueles que pensam que não é nada com eles". "Se uma situação mais convulsiva se vier a verificar, ninguém da sua consciência ficará à distância dos problemas que afectam os outros e naquilo que é essencial para garantir a dignidade da condi-

ção humana não podemos ficar à margem", sentenciou, prometendo ser a voz daqueles que "querendo trabalhar não encontram colocação".

Considerando que o Vale do Ave é "um espaço de oportunidades", o Presidente da Câmara de Guimarães salientou que o Governo do País deve ajudar a criar soluções e oportunidades.

Assimetrias entre ricos e pobres

No mesmo sentido, o Presidente da Associação de Municípios do Vale do Ave expressou que a região não precisa de mais almofadas sociais, mas sim de soluções para a resolução dos seus problemas estruturais. "O desemprego no Ave é, em média, o dobro do desemprego nacional e isto pode trazer problemas sociais difíceis de controlar", alertou Castro Fernandes, citando António Guterres ao dizer que: "se os ricos não tratarem dos pobres, os pobres tratam dos ricos".

O responsável da AMAVE traçou uma retrospectiva dos anteriores

projectos mobilizadores aplicados na região, considerando que "este é o momento único que nos pode permitir preparar o futuro". Castro Fernandes lembrou que a Associação está a desenvolver um trabalho exaustivo para preparar as candidaturas aos próximos fundos comunitários. "O Ave deu muito ao País, chegou o momento do País

compensar o Ave", anunciou o dirigente da instituição que agrega os municípios da região.

Região de contrastes

O deputado Miguel Laranjeiro descreveu os contrastes do Vale do Ave. Uma região de oportunidades referenciada pelos melhores e piores situações. "Temos na região

uma massa crítica que inova, que produz e exporta. Temos empresas que conquistam os mercados mais exigentes e competitivos do globo. Há uma capacidade instalada, por exemplo, no sector têxtil e do vestuário, que tem aqui, ao contrário da imagem que se pretende criar, propositadamente ou não, dos melhores exemplos conhecidos", precisou o parlamentar. Sem ignorar que "esta região tem, simultaneamente, elevados níveis de desemprego, de desemprego de longa duração, com índices de abandono escolar e de saídas precoces da escola, acima da média nacional, e longe da média da União Europeia", Miguel Laranjeiro, anfitrião dos deputados, ao referir-se aos constrangimentos que impedem o "salto" no patamar do desenvolvimento.

Para além do deputado vimaranense, na iniciativa intervieram António José Seguro, Sónia Furtuzinhos e Teresa Venda, a euro-deputada Elisa Ferreira (ver texto ao lado), e foi encerrado pelo líder parlamentar, Alberto Martins.

Secretário de Estado revela prioridades do próximo QREN

Governo aposta na formação

O Secretário de Estado do Emprego e da Formação Profissional, Fernando Medina, defendeu que a "educação e qualificação terá de ser a principal prioridade do Governo" no próximo Quadro de Referência Estratégica Nacional, de 2007 a 2013.

Durante o colóquio, Fernando Medina afirmou que "apesar do consenso existente sobre a prioridade a dar à formação, na hora de distribuir recursos ainda se insiste na fatura de estradas, jardins e can-

teiros".

"A educação e qualificação dos portugueses terá de ser a principal prioridade do Governo no quarto Quadro Comunitário de Apoio" de 2007 a 2013, afirmou, dizendo que os diferentes agentes e actores sociais terão de aceitar que tal "tem implicações na distribuição dos recursos disponíveis".

Fernando Medina centrou a sua intervenção no programa «Novas oportunidades», lançado pelo Governo precisamente, numa sessão realizada em Gui-

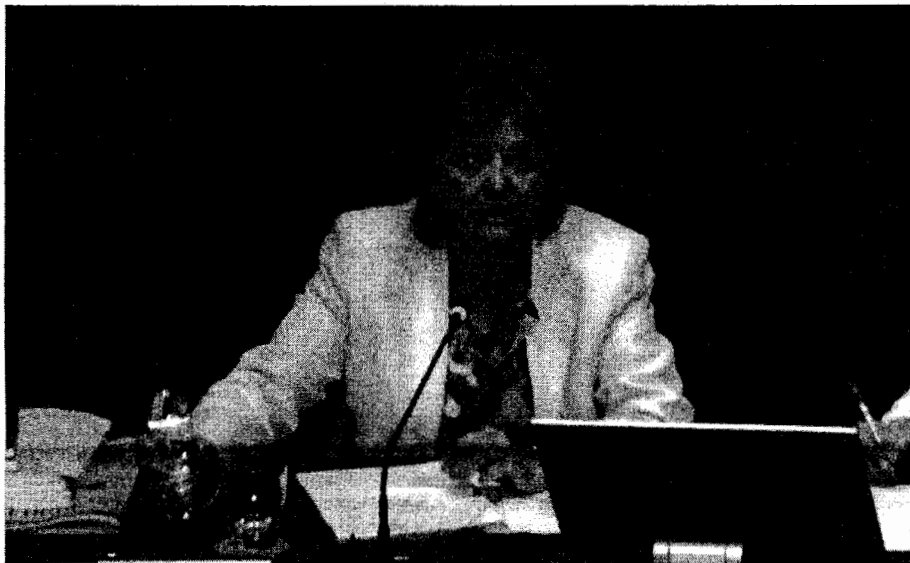
marães, para combater o baixo índice de qualificações profissionais e académicas dos portugueses, tendo começado por acentuar que 75 por cento não concluíram o 12.º ano de escolaridade.

O Secretário de Estado esclareceu que "não foi por falta de recursos que o País não se modernizou em termos de qualificação nos últimos anos", mas considerou que, apesar das deficiências, "nos 30 anos de democracia deu-se um enorme salto na área da formação".

Elisa Ferreira apelou à conjugação de esforços entre instituições

Em defesa do Norte

Para que ocorra uma mudança de paradigma no Vale do Ave, Elisa Ferreira apelou à união e ao fim das divergências com repercussões no aparelho produtivo da região. Na sua intervenção no Colóquio «Vale do Ave – Região de Oportunidades», a eurodeputada adiantou que a globalização é um desafio que será ultrapassado pelos empresários nacionais.



“Atravessamos um momento crítico”, analisou Elisa Ferreira, ao pronunciar-se sobre a situação emergente no Vale do Ave, região que “é palco de muitas divergências”. A eurodeputada salientou que para a região “arrancar” é preciso ultrapassar querelas sem importância que, muitas vezes, desviam a atenção do essencial. “O risco é demasiado elevado. As divergências existentes entre municípios, associações e protagonistas não podem estar mais a emergir porque o risco de nos estarmos a entreter com coisas menores e não passarmos uma mensagem estratégica clara a nível nacional e internacional é demasiado grave”, assis-

nalou, na intervenção efectuada.

Durante muito tempo, observou a eurodeputada, “a gente aqui trabalhava e lá em Lisboa governavam”. Mas, esta ideia, prosseguiu, “era uma maneira simplista de entender a realidade e já não se pode aplicar porque as exigências ditadas pelo tempo e pelas circunstâncias são outras”. “Não há salvação possível para a economia nacional se pensarmos que há o País e depois há o Norte”, defendeu Elisa Ferreira, declarando que se “o Governo não pegar no Norte como um grande problema nacional e a grande razão de ser da competitividade nacional, es-

tá-se a afundar o País”.

No seu entender, “o desenvolvimento do Norte deve ser colocado no centro das prioridades nacionais porque é por causa da situação que ainda se vive nesta região que Portugal recebe grande parte do apoio dirigido à coesão”.

De acordo com Elisa Ferreira, “o que justifica que a Europa se preocupe com Portugal e nos transfira dinheiro é o problema do Norte do Centro do País, em que o centro está equilibrado e em ascensão e o Norte não está”. Porém, justificou, “o Norte não deve reivindicar dinheiro, mas sim políticas nacionais de formação profissional, o plano

tecnológico e a captação de investimentos”, porque “é a zona mais produtiva do País e com mais capacidade empresarial”.

Perante a nova realidade causada pela globalização, Elisa Ferreira preferiu anotar a experiência ditada pela qualidade e excelência dos produtos nacionais. “Há empresários que após terem feito experiências na China e na Índia estão a regressar a Portugal com as suas encomendas”, ressaltou, enunciando a capacidade empreendedora daqueles que usam inovar e investir na investigação aplicada.

Elisabete Pinto

Empresários atentos aos problemas

O colóquio organizado pelos deputados do PS, eleitos pelo Círculo de Braga, foi aproveitado por muitos agentes económicos para partilharem as suas experiências e difi-

culdades. Ouviram-se críticas ao funcionamento e ineficácia da Segurança Social, à burocracia exigida para o lançamento de projectos na área da assistência social e à falta de

apoios para a conquista de novos mercados. Pelas intervenções efectuadas foi possível registar a preocupação e empenhamento dos agentes económicos em dar o tão neces-

sário “salto”, apesar de alguns condicionamentos existentes fazerem com que se sintam de “pernas atadas” para desenvolverem os seus projectos económicos.